

Jamilson José Alves-Silva

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo/Cogeaee

Associação Colégio Espanhol de São Paulo - Miguel de Cervantes

jamjas@uol.com.br

A interpessoalidade e os pronomes pessoais em espanhol: a televisão como espelho das incorreções de brasileiros aprendizes de espanhol como língua estrangeira

Abstract: Motivated by my usual procedures as a professor of Spanish to Brazilian students, this article aims to analyze the occurrence of personal pronouns in some Brazilians' productions in Spanish and how some native speakers of Spanish (mis)understand these productions. In order to analyze the occurrence of personal pronouns both in Spanish and in Portuguese in the light of Systemic-Functional Linguistics, a few questions shall be raised about what elements contribute to a more or less frequent occurrence of personal pronouns, mostly in the question of the Hallidayan *Ellipsis* and *Reference* concepts.

Keywords: Systemic-Functional Linguistics, personal pronouns, Spanish, Portuguese.

Resumo: Motivado por minhas práticas como docente de língua espanhola a brasileiros, este trabalho tem como objetivo analisar o uso dos pronomes pessoais em espanhol por brasileiros, e como alguns falantes nativos da língua espanhola compreendem (ou não) tais produções. Para analisar o uso dos pronomes pessoais em ambos os idiomas, discutir-se-ão, à luz da Lingüística Sistêmico-Funcional (GSF), algumas questões sobre quais elementos contribuem para a ocorrência dos pronomes pessoais, sobretudo com referência aos conceitos hallidianos de *Elipse* e *Referência*.

Palavras-chave: Lingüística Sistêmico-Funcional, pronomes pessoais, espanhol, português.

Introdução

Sob o prisma da Gramática Sistêmico-Funcional (Halliday, 1994), este estudo analisa a ocorrência ou elipse dos pronomes pessoais e suas formas verbais correspondentes, com ênfase nas relações indicadas pela Metafunção Interpessoal e a “quebra de expectativa” causada pelas

incorreções no uso pronominal da língua espanhola por brasileiros adultos aprendizes de espanhol como língua estrangeira (doravante *ELE*). Dar-se-ão as análises com base em um *corpus* de 3512 palavras, extraído de algumas cenas de uma telenovela exibida no Brasil entre os anos de 1992 e 1993, e reexibida entre os anos de 2004 e 2005, na qual alguns atores, como ficará explicado ao longo da análise, “falam espanhol”. Embora o *corpus* seja pequeno, mostrou-se adequado aos propósitos deste estudo, conforme será demonstrado ao longo das análises.

Na língua, em sua função mais básica, dizem-se coisas com o objetivo de influenciar atitudes e comportamentos, interagir com outros interlocutores para a troca de significado. Assim, embora a televisão, no caso das telenovelas, não estabeleça um tipo de comunicação síncrona, ou seja, em tempo real, entre ela e os telespectadores, é claro o papel desse meio de comunicação, que é o de entreter ou o de informar. Dessa forma, como se trata de um programa exibido em todo o país, deve estar garantida uma inteligibilidade mínima. À televisão cabe, muita vez, a função de estabelecer um “português *standard*”, no qual regionalismos e peculiaridades fonéticas tendem a ser dirimidos, sobretudo por se tratar o Brasil de um país de extensão continental. Diga-se, portanto, desde o início das reflexões que virão nos capítulos subsequentes, que não se está afirmando aqui que o papel dos meios televisivos seja o de ensinar, senão, pelo menos no caso do *corpus* sobre o qual nos debruçamos, o de entreter o público de uma região geográfica vasta e luso-falante.

Quanto às cenas da telenovela que nos servirão de *corpus*, são necessários alguns esclarecimentos. Há, nelas, três personagens: um senhor de meia idade e sua filha (doravante designados *JD* e *CR*, respectivamente), que querem se fazer passar por argentinos e, por conseguinte, falam castelhano; e um jovem brasileiro que só fala português (*EC*, a partir de agora). Estabelece-se, entre eles, uma relação de que cada um comprehende “perfeitamente o idioma do outro”. Nossa investigação consiste em analisar em que medida as falas de *JD* e *CR* encontram-se *pidginizadas*, ou seja, até que ponto português e espanhol estão misturados em tais falas, que efeitos disso estudantes universitários aprendizes de *ELE* e hispano-falantes nativos percebem e em que medida isso lhes causa (ou não) problemas de compreensão no que tange à Referência e à Interpessoalidade.

Para que as análises e discussões aqui propostas não ficassem baseadas em impressões ou supostos indícios, dois grupos de respondentes de um questionário tiveram acesso aos trechos dos capítulos da telenovela em que há diálogos em espanhol, nos quais figu-

ram as três personagens já mencionadas. O primeiro grupo é formado por 25 alunos universitários de duas universidades privadas da região sul da cidade de São Paulo (14 de uma instituição e 11 de outra), todos do último semestre do curso de Letras Português/Espanhol, que serão identificados a partir de agora por *U* (*U1, U2, U3* etc.). O outro grupo é composto por 25 hispano-falantes nativos oriundos de dois países, sendo 18 argentinos, 10 cordobeses e 8 portenhos, doravante *A* (*A1, A2, A3* etc.), e 7 equatorianos, todos da capital, Quito, doravante designados *E* (*E1, E2, E3* etc.). Entre os 25 respondentes hispano-falantes, não há nenhum que tenha estudado ou saiba português, nem quaisquer docentes ligados ao ensino de espanhol, seja como língua materna ou como língua estrangeira. A todos os 50 respondentes foi mostrada a transcrição das cenas previamente vistas e todas as respostas que se obtiveram chegaram-nos por correio eletrônico.

As afirmações ou perguntas que se lhes apresentaram foram de caráter bastante amplo; trata-se de 5 perguntas abertas, que deram margem a considerações sobre diversos aspectos relacionados à compreensão e ao uso da língua espanhola nas cenas e suas respectivas transcrições. Segundo Nunan (1992), questões podem ser “fechadas” ou “abertas”. Nestas, o sujeito pode decidir com mais liberdade o que quer dizer e, naquelas, o pesquisador pode determinar ou delimitar as respostas, oferecendo opções ao respondente. De acordo com tais considerações, as perguntas fechadas são de mais fácil análise; porém, é nas perguntas abertas que se encontram as respostas mais úteis a uma pesquisa, pois elas, as perguntas abertas, refletem de forma mais detalhada e precisa o que o respondente quer informar. Sendo assim, como houve um período de tempo de cerca de dois meses para que todos os respondentes nos devolvessem os questionários, surgiram bastantes dados para análise e discussão.

Fundamentação Teórica

Para Halliday, a Metafunção Interpessoal relaciona-se ao uso da língua para expressar relações pessoais e sociais; nesse contexto, as pessoas assumem diferentes papéis de fala conforme o turno ou a posição que ocupam. Esses papéis podem ser o de dar/oferecer ou demandar/requerer informações ou bens e serviços (Eggins, 1994, p. 149). Na Metafunção Interpessoal revela-se a maneira pela qual os participantes se relacionam socialmente no discurso através da linguagem.

Na abordagem funcional, os sistemas que nos remetem à Metafunção Interpessoal são os de *modo* e de *modalidade*, que, por sua vez, sinalizam a interação. No sistema de *modo* estabelecem-se as rela-

ções entre os participantes, e no sistema de *modalidade* verificam-se a avaliação e a responsabilidade do participante sobre a mensagem. Com relação ao primeiro, o sistema de *modo*, pode-se dizer que é nele que se refletem com mais intensidade as incorreções no uso pronominal do espanhol por brasileiros adultos aprendizes de ELE; em outras palavras, quando um brasileiro se equivoca no uso das formas pronominais ou verbo-desinenciais do espanhol, estabelece-se uma “quebra de expectativa” quanto à relação estabelecida entre os participantes de uma interação ou, ainda, um “desvio” quanto ao *sistema referencial*.

Referência é um dos mecanismos lingüísticos para manter a coesão e outros aspectos de textura, dizem Halliday & Hasan (1976). Existem aqueles elementos de referência que se relacionam a itens fora do texto (situacionais) e há outros que fazem referência a itens dentro do texto (textuais). Os primeiros são chamados pelos autores de Referência exofórica e, os segundos, de Referência endofórica (Halliday & Hasan, 1976, p. 31). A Referência endofórica pode ser anafórica, quando o referente precede o item coesivo, ou catafórica, quando o referente vem depois do item coesivo.

O conceito de Referência associa-se a diferentes elementos textuais. No caso específico deste estudo, lidar-se-á com os elementos textuais representados por pronomes ou suas elipses, tenham tais pronomes a função sintática de sujeitos ou de objetos. Assim, são necessários alguns esclarecimentos sobre a aplicação do conceito de Referência aos idiomas espanhol e português, conforme o que vem a seguir.

Segundo Duarte (1999, p. 24), em espanhol e em português, as terminações dos verbos indicam as diferentes pessoas gramaticais e, por essa razão, os pronomes-sujeito não precisam aparecer. Porém, os falantes do português do Brasil (PB) utilizam-nos muito mais que os falantes de espanhol. Além disso, a autora também se refere aos pronomes-complemento, afirmando que no PB coloquial é freqüente o uso do pronome de segunda pessoa *te* com a forma *você* e que, por outro lado, não se usam formas pronominais de sujeito ocupando a função de objeto em espanhol. De fato, não seria de se estranhar que, em uma conversa espontânea, um brasileiro produzisse formas como “Manda ele lá”, “Mandaram eu vir aqui” ou “Eu vi ele”.

Sobre o uso dos pronomes-sujeito em espanhol, Bruno & Mendoza (1997, p. 15) caracterizam três situações únicas em que os sujeitos devem aparecer pronominalmente: (1) quando se quer insistir sobre a idéia de pessoa (*¡Yo no me llamo Denise, me llamo Reginal!*); (2) para evitar equívocos, principalmente quanto ao uso das segundas pessoas *usted/ustedes* e das terceiras pessoas *él/ella/ellos/ellas* (*Cómo se llama*

usted? / ¿Cómo se llama él? / ¿Cómo se llama ella?); e (3) para estabelecer contraste entre duas pessoas distintas (Yo soy ingeniero, ¿y tú?). Se não se cumpre ao menos uma das três condições expostas pelas autoras, o sujeito castelhano será resgatado pela desinência verbal ou pelo contexto, não devendo aparecer pronomes pessoais do caso reto.

Maia-González (1994) investigou em sua tese de doutorado um contraste sistemático entre a ocorrência de pronomes pessoais átonos e tônicos nas línguas espanhola e portuguesa. Um dos pontos que mais chamam a atenção no contato entre os dois idiomas é a questão dos pronomes pessoais. Independentemente do que as gramáticas normativas de ambos prescrevam, em seu funcionamento real e independente, o espanhol e o PB apresentam o que Maia-González (1994, p. 147) denomina como “um distinto tipo de assimetria no que diz respeito à expressão dos argumentos sujeito e complemento”. O tema foi abordado sob a perspectiva do processo de aquisição-aprendizagem do espanhol por alunos brasileiros adultos. Aqui, serão tratados os efeitos estilístico, referencial e, sobretudo, interpessoal dos fenômenos relacionados à questão pronominal na utilização da língua espanhola por luso-falantes brasileiros.

Pronomes, na visão de Pennycook (1994, p. 175),

são porções de linguagem muito complexas e que raramente estão numa relação simples com qualquer outra coisa. Eles estão envolvidos em nomear pessoas, grupos, e são sempre políticos, porque indicam relações de poder. Nesse sentido, eles não podem ser separados do processo político de nomear um ‘si mesmo’, (*self*), ‘si mesmos’ (*elves*) e ‘outros’. Os pronomes, portanto, implicam em pressupostos de comunidade, autoridade, ‘outros’ e ‘si mesmos’ (*elves*).

Halliday (1994, p. 189) aborda os pronomes pessoais como aqueles que representam o mundo no contexto do faltante; em outras palavras, no contexto de troca de fala. Há, então, os papéis de fala (*speech roles*) e os outros papéis. Os pronomes podem ser, a partir dessa visão, dêiticos ou referenciais. Halliday & Hasan (1976, p. 45) ressaltam que em inglês os papéis de fala são aqueles que reconhecem o falante *I* e o destinatário *you* sem fazer distinção em relação a número de destinatários ou a hierarquia e distância social entre o falante e o destinatário. No caso de *we*, o falante é representado, mas conjuntamente com outra(s) pessoa(s) e o(s) destinatário(s) pode(m) ou não estar incluído(s).

Em espanhol e em português, os pronomes de segunda pessoa marcam relações de poder e de nível de formalidade entre os

interlocutores (*tú/vos* e *tu/você* para relações informais e *usted* e *o senhor/a senhora* para relações formais).

Outros papéis, continuam Halliday & Hasan (1976, p. 45), fazem referências específicas a pessoas ou coisas. Os referentes da primeira e da segunda pessoas são, portanto, definidos pelo papel de fala do falante e do ouvinte e, consequentemente, são interpretados exoforicamente, por referência à situação. Já a terceira pessoa é inerentemente coesiva, pois se refere anaforicamente a outro item no texto (Halliday & Hasan, 1976, p. 48). Essa distinção ressalta que os pronomes de primeira e de segunda pessoas fazem referência à situação, e os pronomes de terceira pessoa referem-se anaforicamente e cataforicamente ao texto, isto é, a terceira pessoa é definida negativamente como “não-primeira ou não-segunda”, e, na situação de fala, não é “pessoa”, não é um papel. Nesse sentido, *I* e *you* são dados pela situação, e a terceira pessoa implica, consequentemente, na presença de um referente em algum lugar do texto.

Análise dos dados

Para as análises, considerem-se as cinco questões que se fizeram aos participantes deste estudo. Aplicaram-se as questões em português ao grupo *U*, e as mesmas em espanhol aos grupos *A* e *E*.

- 1) Qual foi sua impressão geral sobre a compreensão das cenas?
¿Cuál ha sido su impresión general acerca de la comprensión de las escenas?
- 2) Qual foi sua impressão geral sobre a compreensão da transcrição?
¿Cuál ha sido su impresión general acerca de la comprensión de la trascipción?
- 3) Comente algum trecho que ache de difícil compreensão nas cenas.
Comente algún trecho que le parezca difícil en la comprensión de las escenas.
- 4) Comente algum trecho que tenha achado difícil mesmo depois de ter lido a transcrição.
Comente algún trecho que aún le haya parecido difícil tras haber leído la trascipción.
- 5) Faça um comentário sobre qualquer aspecto do que viu/leu.
Haga un comentario acerca de cualquier aspecto de lo que ha visto/leído.

Com relação às observações feitas pelos respondentes, a impressão geral suscitou comentários de diversas naturezas. Porém, em todos os itens, os falantes nativos foram os que apresentaram mais dificuldade de compreensão e que apontaram mais problemas que o outro grupo, o de universitários luso-falantes aprendizes de ELE.

Do que apontaram os grupos A e E que nos remetem mais diretamente à Metafunção Interpessoal, um dos focos principais de nossa análise, os comentários giraram mais especificamente em torno de dois trechos de falas entre CR e EC:

Hablas como si tuviera gran intimidad con el mar.

E tenho mesmo, eu sou mergulhador.

¡Vení! El agua está deliciosa.

Dentre os 25 hispano-falantes nativos, 22 demonstraram algum tipo de problema de compreensão com relação a esse trecho, conforme demonstram alguns comentários feitos por alguns deles:

A3: Me parece mal que la actriz trate al actor informalmente y le diga "tuviera".

A7: No entiendo por qué la actriz cambia la forma de tratar al actor durante las escenas. "Hablas" se refiere a un "tú", "tuviera" a un "usted" y "vení" a un "vos". Eso me confunde y me suena gringo.

A8: No está claro si la actriz trata al actor por "tú" o por "usted".

Em contrapartida, apenas 2 U apresentaram algum comentário quanto a algo que afeta as relações estabelecidas pela Metafunção Interpessoal, a “quebra de expectativa” quanto à relação estabelecida entre os participantes de uma interação:

U1: Se ella está tratando ele por "vos", teria que dizer "Hablás como si tuvieras gran intimidad con el mar".

U22: Para ser informal, a atriz devia dizer "Hablas como si tuvieras gran intimidad con el mar". "Tuviera" é de "usted".

Esse equívoco de CR é algo recorrente nas aulas de ELE, provavelmente pelo uso estendido da forma “você”, que compartilha as mesmas formas verbais que a terceira pessoa do singular *ele/ela*. Dessa forma, como o PB usa mais pronomes-sujeito que o espanhol, segundo observa Alves-Silva (2004, p. 121), cabe a ele, ao pronome-sujeito, a

marca de pessoa, o que torna, algumas vezes, ambígua a forma verbal sem a sua presença. Nesse sentido, se CR estivesse falando português, teria dito “Você fala como se (ø / você) tivesse grande intimidade com o mar”, em vez de “Falas como se tivesses grande intimidade com o mar”. Esta última, a que usa as formas verbo-desinenciais da segunda pessoa do singular *tu* do português, é cada vez mais rara e praticamente inexistente no uso cotidiano da língua portuguesa na região de São Paulo. Mesmo em regiões onde o uso do pronome *tu* ainda é comum, é possível verificar que há quem diga “tu foi”, “tu fez” e “tu quer” etc. no lugar de “tu foste”, “tu fizeste”, e “tu queres”, o que indica que, mesmo quando esse pronome é utilizado, não necessariamente a forma verbal que o acompanha aparece de fato na segunda pessoa do singular; pode aparecer, também, na terceira pessoa do singular, como se a concordância fosse feita com a forma de tratamento “você”. Essa tendência à redução das formas verbais que apresenta o PB de uma maneira geral, se “transportada” ao espanhol, também pode causar mal-entendidos ou dificultar aspectos da comunicação ligados à Referência, segundo os comentários dos grupos A e E que se podem ver a seguir:

A2: *El trecho “hablas como si tuviera” me pareció un lío; si no fuera por el contexto, no se podría entender que la persona que “habla” es la misma que “tiene”; el trecho da la impresión que otra persona aparte de lo que son los dos actores es quien “tiene gran intimidad con el mar”.*

A10: *Yo no entiendo qué pasa en el trecho “hablas como si tuviera gran intimidad con el mar”. Me parece que la actriz se equivoca, que debería haber dicho “hablás como si tuvieras gran intimidad con el mar”.*

E7: *Si es argentina la chica, debería decir “hablás como si tuvieras gran intimidad con el mar”; la forma “vení” en “¡Vení! El agua está deliciosa” está bien dicha. El problema es que el “tuviera”, sin la “s” me da la impresión de que hay un tercer personaje en cuestión.*

Houve, ainda, alguns comentários que também indicam incorreções quanto à Referência em outros pontos das cenas:

A13: *Si lo que busca la actriz es su anillo, tiene que decir el “lo” [en “el anel se cayó detrás de la cama y (lo) estábamos buscando].*

A14: *No entiendo qué le ofrece el señor grande al chico cuando dice “¿Aceptas?”. Eso parece suelto.*

E6: *Me parece que falta el lo en “estábamos buscando” y “¿Aceptas?”*

Essas construções mostram uma transferência de uma característica do *PB* que é inexistente em espanhol. Assim, se tomarmos a construção “Meu anel caiu e nós o estávamos procurando”, equivalente em *PB* do que disse a atriz *CR* em espanhol, a ausência do pronome “o” é uma referência endofórica anafórica *not deployed* (Barbara & Gouveia, 2001, p. 9), fenômeno coesivo comum em *PB*, mas inexistente em espanhol, no caso dos pronomes/objetos.

Nesse sentido, de acordo com Maia-González (1994, p. 126), “uma das questões de maior interesse quando se focalizam os pronomes átonos, especialmente em função de objeto direto, é enfatizar que o espanhol, que admite anáfora-zero de sujeito, não admite anáfora-zero de objeto”. Ou seja, quanto ao seu sistema referencial, espanhol e *PB* tendem a deixar vazias diferentes categorias: a primeira, a do sujeito e, a segunda, a do objeto. Para os exemplos dessa autora “Dijo que me dio la llave pero no me *la* dio” e “Me preguntó si yo sabía dónde estaba la catedral, pero yo no *lo* sabía”, qualquer falante do *PB* compreenderia o processo de referência endofórica anafórica *not deployed* existente no texto em *PB*. Assim, teríamos “Disse que me deu a chave, mas não me *o* deu” e “Me perguntou se eu sabia onde estava a catedral, mas eu não *o* sabia”.

Outro fenômeno com o qual se está lidando aqui também encontra respaldo teórico na definição de *Elipse* proposta por Halliday (1985, p. 310): “uma oração ou parte dela, um grupo verbal ou nominal ou parte dele deve ser pressuposto no que vem na seqüência textual pelo mecanismo da omissão, ou seja, não haverá nada onde algum elemento for necessário para formar o sentido”. No caso dos pronomes-objeto, conforme já se disse (Maia-González, 1994, p. 126), “tal fenômeno seria possível e usual no *PB*, mas nunca em espanhol”.

Por outro lado, Maia-González (1998, p. 249) observa que, na interlíngua de brasileiros adultos aprendizes de *ELE* “há uma tendência indiscriminada ao emprego do sujeito pronominal pleno, com a consequente perda dos valores contrastivos que se associam geralmente à utilização dessas formas em espanhol”. Como exemplo, ela cita uma produção de um aluno em que o uso do *él* é desnecessário (“Mientras mi hermano había ido a beber agua, él escuchó un ruido y percibió...”). A autora observa, ainda, que se trata de “um problema sério e geralmente persistente, às vezes com efeitos graves sobre a interpretação das relações anafóricas”.

Ao encontro de tais considerações acerca dos sistemas de Referência do espanhol e do *PB*, nenhum respondente do grupo *U* fez quaisquer considerações sobre incorreções no uso do sistema referencial do

espanhol por parte dos atores em nenhuma parte das cenas vistas ou das transcrições lidas.

Ademais do observado até então, houve também algumas observações acerca de outros aspectos que não são o foco deste trabalho, como uso de palavras em português (“anel”, por exemplo), incorreções de pronúncia, criação de formas híbridas (“hubese”, por exemplo, que parece ser algo intermediário entre “houvesse” e “hubiese”) e problemas gramaticais como em “Yo no gostaria” em lugar de “No me gustaría”.

Considerações Finais

O uso inadequado das formas pronominais e verbo-desinenciais, que redundam quase sempre num mesmo tipo de problema, de ordem interpessoal ou referencial, faz com que o hispano-falante se confunda quanto às relações de poder e hierarquia estabelecidas no uso que o brasileiro faz do idioma espanhol ou, ainda, que “perca” a Referência, tendo a impressão de que “outra pessoa entrou na cena enunciativa”. Os dados analisados por este trabalho investigativo trazem à baila inúmeras características lingüísticas dos dois idiomas em questão, que certamente soem estar presentes nas aulas de *ELE* a aprendizes brasileiros.

O uso da língua espanhola por brasileiros apresenta, em geral, conforme corroboram os dados obtidos, marcas de uma linguagem *pidginizada*, ou seja, aparecem formas híbridas, que não são genuinamente nem português, nem espanhol, o que se conhece comumente como “portunhol”, que dá ao aprendiz ou ao falante brasileiro a equivocada sensação de inteligibilidade.

A televisão muita vez reforça estereótipos como os de que “espanhol é fácil” ou “qualquer brasileiro comprehende ou se faz compreender em espanhol”. Tanto é assim que, supondo-se que *CR* e *JD* quisessem se fazer passar por ingleses ou franceses que não falassem português, certamente apareceriam os idiomas inglês ou francês com legendas em português, e não formas *pidginizadas*.

Por último, a televisão deve apresentar uma linguagem inteligível e acessível ao público. O uso do *portunhol*, que por um lado garante uma inteligibilidade mínima, por outro reforça um estereótipo negativo acerca das crenças que os brasileiros costumam ter a respeito do estudo da língua espanhola em nosso país.

Referências

- Alves-Silva, Jamilson José. *Os pronomes pessoais em espanhol e em português: um estudo contrastivo sob a perspectiva Sistêmico-Funcional*. São Paulo: Dissertação de Mestrado LAEL – PUCSP, 2004.
- Barbara, Leila & Gouveia, Carlos. *It is not there, but [it] is cohesive: the case of pronominal ellipsis of subject in Portuguese*. Paper Presented at the 13th Euro-International Systemic Functional Linguistics Workshop. University of Brest, July 2001. *Direct Paper 46*. São Paulo: PUCSP, 2001.
- Bruno, Fátima Cabral & Mendoza, Maria Angélica. *Hacia el Español – Nível Básico*. São Paulo: Saraiva, 1997.
- Duarte, Cristina Aparecida. *Diferencias de Usos Gramaticales entre Español/Portugués*. Madrid: Numen, 1999.
- Eggins, Suzanne. *An Introduction to Systemic Functional Linguistics*. London: Pinter Publishers, 1994.
- Halliday, Michael Alexander Kirkwood. *Introduction to a Functional Grammar*. First Edition. London: Edward Arnold, 1985.
- _____. *Introduction to a Functional Grammar*. Second Edition. London: Edward Arnold, 1994.
- _____. & Ruqaiya Hasan. *Cohesion in English*. London: Longman, 1976.
- Maia-González, Neide Therezinha. *Cadê o pronome? O gato comeu. Os pronomes pessoais na aquisição/aprendizagem do espanhol por brasileiros adultos*. São Paulo: Tese de doutoramento apresentada ao Departamento de Lingüística da FFLCH/USP, 1994.
- _____. ¿Pero qué gramática es ésta? Los sujetos pronominales y los clíticos en la interlingua de brasileños adultos aprendices de español/LE. In: *RILCE: Español como lengua extranjera: investigación y docencia*. Pamplona: Universidad de Navarra, 1998.
- Nunan, David. *Research Methods in Language Learning*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.
- Pennycook, Alastair. "The politics of pronouns". *ELT Journal*, 48(2), 1994.